

# Mortes são investigadas

DF - Saúde

## Em 48 horas, 5 bebês morrem no Hras. Ministério Público pede explicações

**O** Ministério Público quer explicações para as mortes de cinco crianças que estavam internadas na UTI Neonatal do Hospital Regional da Asa Sul (Hras). Os óbitos ocorreram quarta-feira e quinta-feira. Uma das crianças morreu por infecção hospitalar e, outra, em decorrência de bactéria não identificada. As causas dos demais óbitos são distintas, segundo o vice-diretor do hospital, Renato Maranhão Moreira. "Duas mortes por dia é um índice considerado normal para uma UTI Neonatal, que atende a casos muito complexos", analisa o médico.

O hospital adiantou que uma das crianças não resistiu a uma cirurgia para corrigir

má formação cerebral. Outra veio do interior da Bahia, com icterícia em estado avançado, e a terceira, tinha apenas 22 semanas de vida e não sobreviveu a uma infecção não identificada.

O vice-diretor do Hras garante que o índice de mortes tido como aceitável para a UTI, com 44 leitos, varia de 30% a 40%. "Nós recebemos casos graves, de todos os lugares do País. Preocupar-nos-ia se as mortes fossem ocasionadas por infecção com a mesma bactéria", comentou.

**RELATÓRIO** - Mesmo assim, a Promotoria de Defesa da Saúde (Prosus) acolheu denúncia anônima do familiar de uma das vítimas e agora quer um

relatório explicando caso a caso. A direção do hospital tem até a próxima terça-feira para apresentar as justificações.

"A princípio, a suspeita é infecção hospitalar, mas ainda vamos analisar", afirma o promotor da Prosus, Clayton da Silva Germano. O promotor promete ser rigoroso em relação aos casos de infecção hospitalar, para saber se estão acima dos níveis toleráveis. Ao falar sobre o caso do Hras, ele ponderou: "Temos de analisar o contexto de que o Hras centraliza os casos graves. A gente tem que agir de forma crítica, mas com um pé na realidade".

O nome do Hras tem sido envolvido com freqüência em

episódios que alarmam os pacientes. No dia 31 de agosto, um bloco de gesso, com cerca de um metro quadrado, despencou do teto de um dos laboratórios do Hras.

A laje rompeu quando operários instalavam um encanamento no chão da Unidade de Terapia Intensiva infantil, no primeiro andar do prédio. O bloco caiu sobre Guilherme Ribeiro Mota, de cinco meses, e a técnica em enfermagem que o atendia na hora, Valdenice Pereira.

A funcionária colhia sangue da criança, por volta das 8h30, quando o acidente aconteceu. Nem o bebê, nem a enfermeira sofreram ferimentos graves. No mesmo dia, o teto foi restaurado.